






Barbara Hlibowicka-Węglarz
Uniwersytet Marii Curie-Skłodowskiej
w Lublinie
 <https://orcid.org/0000-0002-6438-8644>

Dominik Gakan
Uniwersytet Marii Curie-Skłodowskiej
w Lublinie
 <https://orcid.org/0000-0003-1241-7797>

Natalia Klidzio
Uniwersytet Marii Curie-Skłodowskiej
w Lublinie
 <https://orcid.org/0000-0002-4922-0480>

Origens de variação diatópica do português brasileiro

The origins of diatopic variation of Brazilian Portuguese

Abstract

The aim of the article is to present the origins of regional diversity of Brazilian Portuguese. The paper defines diatopic variation and describes the influence of other languages on Brazilian Portuguese over the years, especially at the phonetic and lexical levels. The analyzed languages are: European Portuguese (the language of the colonizer), South American indigenous languages, African languages, the Arabic language, as well as European languages (Dutch, French, Italian, German and Spanish).

Keywords

language variety, diatopic variation, Brazilian Portuguese

Palavras-chave

variedade linguística, variação diatópica, português brasileiro

1. Introdução

A variedade linguística manifesta-se, nomeadamente, nos episódios de uso de uma língua pelas pessoas que vivem em diferentes regiões ou em locais com uma grande diversidade da sociedade em termos de nível de escolaridade, origem e idade. Primordialmente, Wanderley Geraldi (1997: 50), definiu que “língua é o conjunto das variedades utilizadas por uma determinada comunidade, reconhecidas como heterogêneas. Isto é, formas diversas entre si, mas pertencentes à mesma língua.” Normalmente, quanto maior o país e mais diversificada uma sociedade, maiores são as possibilidades de observar esse fenômeno. Os contatos promovidos pelos vários grupos de pessoas que chegaram de diferentes regiões do mundo e que passaram a residir num país tão grande como o Brasil, causaram um impacto significativo na formação não só da sociedade, mas também do português brasileiro.

Nesse contexto, o objetivo do artigo é apresentar as origens de variação diatópica do português brasileiro e as influências das línguas indígenas, africanas, europeias e árabe a esse idioma. Os conceitos apresentados pelos pesquisadores que tratam das questões acima mencionadas (M. T. C. Biderman, R. Ilari, R. M. Basso, A. T. de Castilho, R. M. E. Sabbatini, R. Mendonça, entre outros) fundamentaram a metodologia da elaboração do artigo.

2. Variação diatópica

Variação diatópica (também conhecida como geográfica, regional ou territorial) é o conjunto de diferenças na mesma língua, mas usada em diferentes territórios geográficos. Essas diferenças abrangem tanto a fonética, como o léxico, a morfologia e as estruturas sintáticas. O conceito de variação diatópica refere-se tanto a diferentes países que usam a mesma língua, quanto a diferentes regiões dentro do mesmo país. Os membros de cada comunidade expressam-se de um modo peculiar, criando a sua identidade linguística e, como consequência, também a identidade cultural. Graças às características linguísticas comuns, os membros da comunidade sentem-se conectados. Esses recursos também permitem distinguir dos membros de outras comunidades. Deve-se lembrar, entretanto, que as fronteiras geográficas das comunidades linguísticas nem sempre correspondem às fronteiras das unidades administrativas de um país. Por sua vez, certas características

de um dialeto podem ser reveladas em vários graus em diferentes partes do território em que é falado (J. H. C. Marinho, M. da G. C. Val, 2006).

No caso de português, podem ser considerados os dois tipos de variação diatópica — diferenças entre o português utilizado nos países lusófonos e diferenças entre as variedades regionais do mesmo país. Quando se trata do primeiro tipo, os pesquisadores costumam comparar o português de Portugal (a língua do ex-colonizador) com o português usado nos países colonizados (especialmente no Brasil) com a finalidade de verificar se ainda há duas variantes da mesma língua ou se as diferenças já são suficientes para falar dos idiomas distintos. O processo de descolonização e o desejo de mostrar sua própria identidade fizeram com que os brasileiros enfatizassem cada vez mais as diferenças linguísticas. Na verdade, os linguistas até hoje discordam sobre a distinção entre dialeto e língua (R. Ilari, R. M. Basso, 2006).

Maria Tereza Camargo Biderman (2001) evidencia que as diferenças entre o português brasileiro e o português de Portugal são grandes e facilmente perceptíveis. Essas dissemelhanças são especialmente perceptíveis na fonética e léxico, mas também estão presentes na morfologia e na sintaxe. Vale a pena analisar brevemente cada tipo de diferença.

Quando se trata das diferenças fonéticas, pode-se ouvir imediatamente uma prosódia distinta do português brasileiro e do português de Portugal que se manifesta principalmente em uma entonação diferente. Além disso, no português brasileiro, vogais átonas são pronunciadas de maneira nítida. No português europeu são frequentemente reduzidas. Uma característica do português brasileiro falado é a omissão de /r/ no final dos verbos, por exemplo, na pronúncia da palavra *perder* como [perde], o que não ocorre no português de Portugal. Outra diferença entre essas variantes do português é a pronúncia de /l/ no final de sílabas. No português brasileiro ocorre a semivocalização. Na maioria das regiões brasileiras, a palavra *Portugal* é pronunciada [Portugau]. No português europeu o fonema /l/ nas sílabas finais permanece velar. Por outro lado, as vogais anteriores às sílabas nasais são fechadas no português brasileiro e abertas no português de Portugal. Isso é percebido na ortografia diferente de palavras que contêm tais sílabas. No caso daquelas palavras, no português brasileiro usa-se acento circunflexo (*Polónia*), enquanto no português de Portugal acento agudo (*Polónia*) (M. T. C. Biderman, 2001).

Outras diferenças entre o português brasileiro e o português europeu manifestam-se em morfologia e sintaxe. Uma dos mais fáceis de observar é a posição diferente dos pronomes oblíquos na frase. No português brasileiro referimo-nos a próclise (*me prometa que*) e no português europeu falamos de ênclise (*prometa-me que*). O ênclise ocorre muito raramente no português brasileiro, principalmente em textos escritos em alto registro. Outra diferença são as formas de tratamento.

Em Portugal, para se referir a segunda pessoa do singular, usa-se a forma *tu*, enquanto na maioria das regiões do Brasil usa-se a forma *você* (M. T. C. Biderman, 2001). No português brasileiro falado é comum usar o pronome *tu* junto com o verbo conjugado na terceira pessoa (sem concordância verbal). Assim, em vez de dizer *você come*, expressa-se *tu come* e, em vez de *você vem*, fala-se *tu vem*. O mesmo vale para os pronomes/adjetivos possessivos: *teu(s)/seu(s)* e *tua(s)/sua(s)*. Além disso, o pronome pessoal *nós* é substituído no português brasileiro por *a gente*. Outra diferença entre as variantes de português diz respeito à forma diferenciada como refere-se às ações que ocorrem no momento da fala. No português brasileiro usa-se o gerúndio (*estou cantando*), enquanto que, no português de Portugal, a construção *estar + a + infinitivo* (*estou a cantar*). Além disso, em português europeu usa-se a palavra *haver* como sinônimo da palavra *existir* (*há algum problema*), enquanto no português brasileiro para expressar a mesma ideia pode ser usada também a palavra *tem* (*tem algum problema*).

Biderman também observa que diminutivos são mais populares no português brasileiro, mas essas formas são construídas por acrescentar os sufixos *-inho/-inha* (*pequeninho*), enquanto no português de Portugal é possível também usar *-ito/-ita* (*pequenito*) (M. T. C. Biderman, 2001: 969). O último grupo de diferenças entre o português brasileiro e o português de Portugal, mencionado por Biderman, é relacionado ao léxico. Às vezes, portugueses e brasileiros descrevem o mesmo elemento da realidade com palavras diferentes. Biderman distinguiu vários campos semânticos nos quais as diferenças lexicais entre o português brasileiro e o português de Portugal são maiores (M. T. C. Biderman, 2001). Observe os campos semânticos mencionados nas palavras a seguir (entre parênteses a palavra usada no Brasil e seu equivalente no português europeu):

- Refeições, alimentos e bebidas (*suco* — *sumo*);
- Cozinha, mesa e casa (*geladeira* — *frigorífico*);
- Meios de transporte (*ônibus* — *autocarro*);
- Cidade (*pedestre* — *peão*);
- Aldeia e trabalhos do campo (*chácara* — *quinta*).

Segundo Biderman (2001), a ocorrência de diferenças no nível lexical é um fenômeno totalmente natural, pois é o léxico que descreve a realidade cultural de uma dada sociedade. No entanto, a pesquisadora destaca o fato de as identidades linguísticas e culturais do Brasil e de Portugal, apesar das suas diferenças, terem raízes comuns no português europeu. Em apoio à sua tese, cita diversos exemplos de expressões idiomáticas, que, afinal, estão sempre intimamente relacionadas com a cultura de uma determinada nação. Alguns deles, por exemplo, *passar desta para melhor*, aparecem de forma idêntica no português brasileiro e no português europeu. Há também o grupo que difere apenas ligeiramente.

Um exemplo disso é a expressão portuguesa *bater a bota*, adotada no Brasil sob a forma de *bater as botas*.

Quando se trata do segundo tipo de variação diatópica, ou seja, as variações regionais do português brasileiro, Castilho (2012) enfatiza que as diferenças entre dialetos brasileiros são facilmente perceptíveis. O brasileiro consegue reconhecer no início da conversa se seu interlocutor vem da mesma ou de outra região. Ao contrário dos dialetos presentes em algumas línguas, essas diferenças não impedem os interlocutores de se compreenderem.

Como já mencionado, o léxis desempenha um papel fundamental na descrição da realidade. No país tão vasto e diverso como o Brasil, é natural que as variantes geográficas do português brasileiro tenham diferenças lexicais. Ilari e Basso (2006) dividem-nos em dois grupos — palavras diferentes que chamam a mesma fatia da realidade em regiões diferentes, e palavras que são usadas em muitas regiões, mas significam outra coisa. O primeiro grupo inclui um exemplo clássico de diferentes termos regionais para a mesma raiz comestível — *macaxeira*, *aipim* e *mandioca* (entre outros). Um exemplo do segundo grupo de regionalismos é a palavra *quitanda* (‘mercearia, tenda’), enquanto em Minas Gerais é “conjunto de iguarias doces e salgados feitos com massa de farinha” (R. Ilari, R. M. Basso, 2006: 165). Pode-se dizer que os habitantes de uma região particular compartilham uma história comum e um modelo específico de descrição da realidade em que vivem. Assim, os regionalismos fazem parte da identidade humana.

Segundo Ilari e Basso (2006), ao se tratar do tema variação diatópica no português brasileiro, diversos fatos devem ser levados em conta. Em primeiro lugar, existem muitas migrações internas no Brasil. Castilho (2012) observa que a migração interna contemporânea no Brasil é o resultado da urbanização progressiva e do desenvolvimento agrícola. Um exemplo é a chegada dos moradores do Sudeste e Sul à Amazônia para o cultivo da terra, ou a migração no tempo de construção de Brasília (R. Ilari, R. M. Basso, 2006). Existe uma tendência de aumento no número de habitantes das cidades brasileiras. No início do século XX, 8% da população vivia em cidades, enquanto no final do século XX, mais de 80% da população. Como resultado dessa migração interna, pessoas que falam dialetos diferentes vivem juntas em muitas regiões (A. T. de Castilho, 2012). Isso torna a pesquisa sobre as características da variação diatópica ainda mais difícil, pois os membros do grupo de tratamento devem ser selecionados com mais cuidado. A mistura de variações regionais existentes também pode levar ao surgimento de outras com características mistas no futuro.

Além disso, às vezes, é muito difícil separar a variação diatópica da variação diastrática (social). Características dialetais são particularmente evidentes no registro informal. Em situações de comunicação mais oficial, as normas do português

culto são frequentemente seguidas (R. Ilari, R. M. Basso, 2006). Por esta razão, a variação diatópica e a variação diastrática estão intimamente relacionadas. Pode-se até concluir que a variação diastrática, em certa medida, regula o grau de expressão das características da variação regional.

3. Origens de variação diatópica do português brasileiro

O Brasil é um país multicultural com uma história e cultura muito rica. Neste aspecto, podemos referenciar o antropólogo Darcy Ribeiro cujos estudos servem como fundamentos para a compreensão da formação étnica e cultural da sociedade brasileira. Ribeiro (1995: 272) distingue cinco culturas tradicionais brasileiras:

- cultura crioula — desenvolvida nas terras rurais do Nordeste onde a cana de açúcar foi cultivada;
- cultura caipira — presente nos territórios onde viviam mamelucos paulistas, desenvolvida pela mineração de ouro, diamantes, plantações de café e indústria;
- cultura sertaneja — desenvolvida nos territórios do Nordeste até o Centro-Oeste, onde o gado foi criado;
- cultura cabocla — criada pelos povos indígenas da Amazônia que coletavam espécies da mata;
- cultura gaúcha — a matuta-açoriana (semelhante a caipira) e a gringo-caipira (com influência dos imigrantes), ambas no Sul do Brasil.

As macrorregiões brasileiras estão ligadas a uma cultura que se desenvolveu ao longo de muitos anos em uma determinada área. Com uma mescla cultural tão vasta, é natural que diversas culturas influenciam-se mutuamente. Castilho (2012) enumera os seguintes povos que deixaram uma marca no português brasileiro: colonos portugueses, árabes, índios, africanos e imigrantes da Europa e da Ásia. Vale a pena fazer uma revisão do impacto de cada um desses grupos no português brasileiro.

3.1. Influência do português europeu

No século XV, Portugal iniciou as grandes conquistas geográficas. Em 22 de abril de 1500, Pedro Álvares Cabral aportou no Brasil. Inicialmente, os portugueses não tinham plena consciência do enorme potencial do Brasil. Ao contrário do

Oriente, cuja civilização estava engajada ao comércio, os portugueses se depararam no Brasil com povos nativos, os índios — que, com suas culturas, viviam em interação com a natureza. Decidiu-se, portanto, desenvolver as relações com o Oriente prioritariamente sem descurar o Brasil. Mais e mais expedições para explorar este país foram organizadas. Um dos exploradores foi o judeu português, Fernão de Loronha, cujo nome foi convertido para Fernando de Noronha. Em 1506, houve o chamado Massacre de Lisboa, onde morreram milhares de judeus. Noronha resolveu incentivar seus conterrâneos a arrendamento das terras brasileiras no litoral. Consequentemente, cada vez mais portugueses vinham para o Brasil. Em 1534, as possessões portuguesas no Brasil foram divididas em Capitânicas Hereditárias, que inicialmente tinham apenas o papel mercantil, mas depois suas funções e autonomias expandiram-se. O período colonial no Brasil durou até a transferência da corte real de Portugal e a consequente independência em 1822. Foi assim que o português de Portugal chegou ao Brasil e espalhou-se pelo território daquele país (M. Costa, 2016).

Os colonizadores portugueses vieram de diferentes partes de Portugal, mas a maioria deles vinha do sul, local dos portos marítimos. Certos traços fonéticos do português do sul de Portugal que aparecem no português brasileiro confirmam isso. A primeira é a presença do [s] predorso-dental, que é típico da pronúncia do português do sul de Portugal e a ausência do [ʃ] apico-alveolar característico da pronúncia do norte de Portugal. Outra característica comum entre o português do sul de Portugal e o português brasileiro é monotongação do ditongo [ey>e], na pronúncia das palavras como *dinheiro*, enquanto no português do norte de Portugal esse ditongo é pronunciado como [ây]. Por fim, no português brasileiro, tanto como no português do sul de Portugal, /v/ e /b/ são pronunciadas de maneiras distintas, enquanto no norte de Portugal são realizadas como pronúncias alternantes (A. T. de Castilho, 2012).

Ao discutir as influências do português europeu, não se pode esquecer da influência açoriana. No século XVIII, muitos açorianos chegaram ao estado de Santa Catarina e transferiram alguns traços do seu falar para o que hoje denominamos de *falar açoriano-catarinense*. Claro, nem todas as características da fala florianopolitana são decorrentes da influência açoriana, mas algumas não podem ser explicadas de outra forma. Esse grupo inclui o uso de *tu* familiar e sua forma de declinação, uso das formas lexicais açorianas, como por exemplo, *gueixa* (‘vitelo, bezerro’) e, por fim, “apoio paragógico de [e] a oxítonos em -l, -r, -s, -z ante pausa (sol → sole)” (O. A. Furlan, 1998: 19).

3.2. Influência da língua árabe

Outro idioma que influenciou a forma atual de português é o árabe. Este processo pode ser dividido em três etapas. O primeiro, o mais conhecido, é a conquista árabe da Península Ibérica, por isso está relacionado com a influência no português europeu. Os dois próximos, um tanto esquecidos, dizem respeito ao português brasileiro diretamente. É sobre um grupo de escravos professores do Islã trazidos para o Brasil nos séculos XVIII e XIX, e sobre a emigração em massa de sírios e libaneses para o Brasil no início do século XX (M. Y. Abreu, V. de A. Aguilera, 2010).

A expansão dos árabes para a Península Ibérica foi possível graças a dois fatores — o poder crescente de seu próprio império e o uso da fraqueza do estado visigodo. Após a morte do rei Vitiza, em 710, iniciou-se no estado visigodo um conflito de poder entre seus filhos (chamados *vitizanos*) e D. Rodrigo. Os vitizanos pediram ajuda aos berberes que viviam no norte da África (hoje Marrocos). Foi assim que os muçulmanos chegaram à Península Ibérica, derrotaram o exército de D. Rodrigo e partiram para o fundo da península, tendo o seu reinado nesta área durado de 711 a 1492 (F. L. da Costa, 2009).

Os africanos muçulmanos escolarizados trazidos para o Brasil nos séculos XVIII e XIX como escravos eram chamados de *malês*. A maioria acabou chegando à Bahia. No entanto, os escravos eram privados do direito de usar a língua materna em público e, portanto, usavam-na quase exclusivamente para cultivar suas práticas religiosas. Assim, as palavras que chegaram do árabe à língua portuguesa graças a esse grupo de escravos, estão associadas à religião muçulmana (M. Y. Abreu, V. de A. Aguilera, 2010).

O último grupo de falantes do árabe que veio ao Brasil foi de imigrantes libaneses e sírios, tanto muçulmanos como cristãos. A maioria deles teve que emigrar de seu país por razões demográficas e econômicas. Por virem de nações muito abertas, integraram-se de bom grado aos brasileiros (exceto aos emigrantes muçulmanos), ao contrário dos imigrantes europeus. Eles costumavam trabalhar com comércio e gastronomia, então tinham que se comunicar com os clientes brasileiros no trabalho. Eles também se espalharam pelo Brasil, não formando grupos fechados em estados particulares como os mencionados imigrantes da Europa. Todos esses fatores criaram condições favoráveis para o contato intensivo entre árabe e português. Alguns dos arabismos esquecidos dos tempos antigos foram assim reintroduzidos na língua portuguesa (M. Y. Abreu, V. de A. Aguilera, 2010).

Curiosamente, embora a influência da língua árabe no português tenha sido um processo longo e forte, limitou-se apenas ao léxico (A. Houaiss, 1986). Com base nos exemplos de Houaiss (1986), Vargens (2007) e Paula (2019), as palavras de

origem árabe que começaram a ser usadas no português brasileiro através do português europeu podem ser divididas nos seguintes campos semânticos:

- religião — *almuadem*, *almorávida*;
- comércio — *armazém*, *alfândega*, *alfaiate*;
- administração pública — *xerife*, *assassino*;
- guerra e vida militar — *arsenal*, *arrebate*;
- medicamentos — *xarope*, *elixir*;
- unidades de medida — *quilate*, *arroba*;
- alimentos — *cuscuz*, *azeitona*, *arroz*, *falafel*, *ameixa*;
- fauna — *javali*, *girafa*, *lacrau*;
- flora — *alfazema*, *alecrim*, *alfarroba*;
- vida doméstica — *almofada*, *jarra*, *sofá*;
- recursos naturais — *alcatrão*, *anil*;
- ciência — *zero*, *álgebra*, *cifra*;
- nomenclatura rural e urbana — *azulejos*, *chafariz*, *aldeia*;
- topônimos — *Fátima*, *Algarve*;
- cores — *azul*, *lilás*;
- instrumentos gramaticais — *até*, *debalde*;
- adjetivos — *cafre*, *chué*;
- verbos — *safar*, *atarracar*.

Paula (2019) indica as características distintivas pelas quais as palavras derivadas do árabe podem ser reconhecidas. Muitas dessas palavras começam com o artigo árabe definido *Al* (por exemplo, *alcova*), que, às vezes, é pronunciado *az* (*azeite*), o que também justifica a grafia de algumas palavras em português. Um grande grupo de palavras também começa com *x* (*xadrez*) ou *enx* (*enxaqueca*). Palavras árabes frequentemente terminam com *il* (*anil*), *im* (*carmesim*), *afe* (*alcadafê*) ou *aque* (*almanaque*). Às vezes, uma palavra árabe, antes de entrar na língua portuguesa, modificou a ortografia como aconteceu com a palavra *alface* (do árabe *Alhassa*), porque o *h* que é pronunciado em árabe não é pronunciado pelos falantes de língua portuguesa. Paula (2019) também dá um exemplo de frases religiosas árabes que entraram no uso diário em português. O primeiro é a saudação *Olá!* que vem de *wa Allah* (*por Deus*), o segundo é *Oxalá!*, vindo de *law xá Allah* ou *incha Allah* (*se Deus quiser*). Essas frases, sendo difundidas em português, perderam seu caráter religioso original.

3.3. Influência das línguas indígenas

Segundo estimativas, na altura da chegada dos portugueses ao Brasil existiam cerca de 300 línguas indígenas diferentes, das quais sobreviveram apenas cerca de 160 (A. T. de Castilho, 2012).

Assim, os portugueses tinham que lidar com um número impressionante de línguas. A solução para o problema foi o desenvolvimento das *línguas gerais* que atuaram como línguas francas, quer dizer, línguas usadas como meio de comunicação em um ambiente específico e com o fim de atingir objetivos específicos. Quando a língua franca simplificada (o pidgin aprendido) torna-se a língua materna da próxima geração de pessoas, transforma-se em língua crioula (R. T. Gonçalves, R. M. Basso, 2010).

Os portugueses demarcaram duas *línguas gerais* no Brasil: uma era usada no sul (língua geral paulista) e a outra era usada no norte (*nheengatu*). A língua geral paulista foi reconhecida no século XVII com base na língua tupi falada pelos índios tupinambás. Esse idioma se espalhou muito rapidamente por todo o país. Hoje é uma língua extinta. Por outro lado, *nheengatu* é uma língua que se desenvolveu durante a atividade evangelística dos jesuítas. Baseia-se nas línguas do tronco tupi e na língua geral paulista. O *nheengatu* é usado até hoje em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas (R. T. Gonçalves, R. M. Basso, 2010).

O tupi-guarani influenciou o português brasileiro, principalmente as categorias de fonética e vocabulário. Quanto ao primeiro critério, os portugueses que se comunicavam com os povos indígenas deviam filtrar a fonética da nova língua por meio da fonética da língua materna, que carecia de alguns dos fenômenos fonéticos característicos da segunda língua. Para poder se comunicar, havia muitas adaptações fonéticas (A. Robl, 1985).

Um exemplo dessas simplificações é o surgimento do /r/ retroflexo, também conhecido como /r/ caipira. Segundo a teoria de Alfonso Robl (1985) é o resultado de “uma substituição imperfeita do /l/ velar pelo /r/ vibrante *fraco*, permanecendo, contudo, um compromisso entre ambos” (A. Robl, 1985: 168). O pesquisador também indica um papel possível das línguas usadas por escravos bantos e sudaneses na evolução do português brasileiro. O fonema /l/ também não existia nessas línguas. Com o fonema /lh/ foi semelhante, ele foi implementado como /y/, por exemplo na palavra *palha* pronunciada como [paya] (A. Robl, 1985).

A influência do tupi-guarani no português brasileiro é vasta. Castilho (2006) destaca que o tupi-guarani é a maior fonte lexical para o português brasileiro de todas as línguas indígenas. Estima-se que dez mil palavras têm as suas raízes justamente no tupi-guarani. Castilho exemplifica as palavras, dividindo-as nas seguintes categorias:

- Pessoas — *caipira, pajé*;
- Comidas — *pipoca, maracujá*;
- Animais, figuras míticas — *jaguar, jacaré*;
- Vegetais — *tapioca, mandioca*;
- Moradias — *jirau, tipiti*;
- Topônimos e antropônimos — *Maracanã, Araraquara*.

3.4. Influência das línguas africanas

Em 1441, Antão Gonçalves trouxe os primeiros africanos para Portugal, iniciando o comércio de escravos (M. Costa, 2016). Após a chegada dos portugueses no Brasil, os africanos foram utilizados em atividades de cana-de-açúcar, especialmente no Nordeste (Pernambuco e Bahia). Na virada dos séculos XVII e XVIII, jazidas de ouro foram descobertas em território de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Consequentemente, surgiu a demanda por mão de obra e isso aumentou ainda mais o tráfico de escravos. A partir do século XIX, os escravos começaram a trabalhar, no interior de São Paulo e Rio de Janeiro, nas plantações de café (M. Costa, 2016).

A maioria dos africanos trazidos para o Brasil veio do oeste ou centro-oeste da África. Levando em consideração fatores culturais e linguísticos, podem ser divididos em dois grupos: bantos e sudaneses. Os primeiros, eram de Angola, Congo, Moçambique e Cambinda. Constituíam grande parte da população do Sudeste, mas também habitavam o território do Ceará, Maranhão, Pernambuco, Alagoas e litoral do Pará. Os sudaneses, por sua vez, vieram da África Ocidental, Sudão e Costa da Guiné. A maioria deles foi para a Bahia (A. Farias, 2015: 27). Os sudaneses chegaram ao Brasil em número menor do que os bantos, duzentos anos depois (A. T. de Castilho, 2012).

Os africanos trazidos para o Brasil ao longo dos anos tiveram que se comunicar de alguma maneira com os portugueses como forma de adaptação e sobrevivência ao novo ambiente. Como a escravidão no Brasil só foi abolida em 13 de maio de 1888 (M. Costa, 2016), suas línguas e culturas nativas influenciaram significativamente o desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil. Yeda Pessoa de Castro (2011) destaca que essa influência se manifesta no nível fonético, léxico e na morfossintaxe.

As influências de línguas africanas na fonética do português brasileiro são descritas por Renato Mendonça (2012). O pesquisador destaca nomes de fenômenos fonéticos que ocorreram e os demonstra com exemplos de mudanças na pronúncia de palavras. Alguns exemplos são coligidos em conjunto com o conceito no quadro a seguir:

Quadro 1

As influências de línguas africanas na fonética do português brasileiro segundo Renato Mendonça (2012: 80—85)

Fenômeno	Definição	Exemplos
Vocalização	substituição de /lh/ linguopalatal por /y/ semivogal	<i>filha</i> → <i>fiya</i> <i>mulher</i> → <i>muyé</i>
Assimilação	um fonema passa por outro fonema (semelhante)	<i>Jesus</i> → <i>Zezús</i>
Dissimilação	o contrário do assimilação; fonemas semelhantes passam por outros (mais diferenciados)	<i>alegre</i> → <i>alegue</i> <i>negro</i> → <i>nego</i>
Aférese	queda de fonema(s) no início de palavra	<i>acabar</i> → <i>cabá</i> <i>estar</i> → <i>tá</i>
Apócope	não pronunciar /l/ e /r/ no final das palavras	<i>esquecer</i> → <i>esquecê</i> <i>general</i> → <i>generá</i>
Rotacismo	troca de /r/ por /l/	<i>carro</i> → <i>calo</i>
Suarabacti	aparecimento de uma vogal que desune um grupo consonantal	<i>flor</i> → <i>fulô</i>
Redução	redução de ditongos /ei/ e /ou/	<i>beijo</i> → <i>bêjo</i>

Mendonça (2012) também enfatiza que os poucos verbos portugueses derivados de línguas africanas pertencem à primeira conjugação (*xingar*, *sambar*, *carimbar*, *curiar*, *banzar*).

Quando se trata das palavras portuguesas com origens em línguas africanas, Castro (2011) apresenta diversos campos lexicais e exemplos de palavras e seu pertencimento.

A pesquisadora distingue os grupos de palavras relacionadas com:

- Recreação — *capoeira*, *samba*;
- Instrumentos musicais — *agogô*, *timbau*;
- Culinária — *mocotó*, *mungunzá*;
- Religiosidade — *candomblé*, *macumba*;
- Políticas orais — *tutus*, *tindolelê*;
- Doenças — *caxumba*, *tunga*;
- Flora — *moranga*, *dendê*;
- Fauna — *minhoca*, *marimbondo*;
- Usos e costumes — *cochilo*, *muamba*;
- Ornamentos — *miçanga*, *balangandã*;
- Vestes — *tanga*, *sunga*;

- Habitação — *cafofo, moquiço*;
- Família — *caçula, babá*;
- Corpo humano — *bunda, corcunda*;
- Objetos fabricados — *caçamba, tipóia*;
- Relações pessoais de carinho — *cafuné, denço*;
- Insultos — *sacana, lelê*;
- Mando — *bamba, capanga*;
- Comércio — *quitanda, muamba*.

Por outro lado, no nível da morfossintaxe, Castro (2011) distingue três questões em que se manifesta a influência das línguas africanas no português brasileiro. A primeira é a tendência de omitir *s* no plural dos substantivos (*os menino*). Outro elemento das línguas africanas que penetrou no português brasileiro é a repetição enfática da negação (*não sei não*). O uso da próclise (*eu lhe disse*) também é a marca de línguas africanas na formação do português brasileiro. Maria do Socorro Silva de Aragão (2010) postula não tanto o uso da próclise, mas *ele acusativo* nas frases como *vi ele* e chama a atenção para as próteses do *s* e *m*, que estão anexadas à palavra (*foi simhora*).

3.5. Influência das línguas europeias

Além das línguas indígenas, africanas e árabe, outras línguas influenciaram o português. Às vezes, a influência resultou do domínio de uma determinada cultura em alguma época, e noutras, foi o resultado de eventos históricos, como conflitos armados ou eventos de emigração.

No século XIX, uma grande onda de emigração começou. Jerzy Mazurek (2005) faz ilações que as causas surgiram no rápido desenvolvimento da revolução industrial e da superpopulação em algumas áreas. Além disso, a emigração costumava ser a única chance de melhorar as condições financeiras e começar uma vida digna. A decisão de emigrar também foi tomada por razões religiosas, políticas ou culturais, visto que, em muitos países, certos grupos sociais foram perseguidos. Frequentemente, essa decisão foi influenciada simultaneamente por diversos fatores já mencionados. Ademais, a invenção dos barcos a vapor acelerou significativamente as viagens e tornou-as mais confortáveis.

O Brasil era um destino atraente para a emigração por diversas razões. Em primeiro lugar, o processo de independência, em 1822, foi relativamente pacífico no país. Graças a isso, o Brasil não foi colapsado. Em segundo lugar, a abolição da escravidão desencadeou a busca de uma fonte alternativa de trabalho para as plantações de café e o desenvolvimento de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro.

Além disso, havia vastas terras aráveis no sul do Brasil que eram de valor público. Também é notório que, de 1884 até a eclosão da Primeira Guerra Mundial, o Brasil financiou as despesas de viagem dos imigrantes, com exceção de um curto período. Isso evidencia a determinação do governo brasileiro em busca de mão de obra branca, buscando, assim, a redução da população de negros (J. Mazurek, 2005).

Línguas faladas por imigrantes deixaram marcas tanto na sociedade brasileira como no português brasileiro. Um dos trabalhos desenvolvidos na área de linguística que explora os idiomas usados no Brasil e seu impacto no português brasileiro é o projeto *Enciclopédia das Línguas do Brasil (ELB)*, lançado em 2004. O projeto é coordenado por Eni Orlandi e Eduardo Guimarães do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp (C. Z. Bolognini, M. O. Payer, 2005). A partir da *Enciclopédia das Línguas do Brasil* e de outros estudos, serão examinadas as línguas de imigrantes que deixaram a forte marca no português brasileiro e na cultura do país.

As línguas europeias que mais influenciaram o desenvolvimento do português brasileiro são: holandês, francês, italiano, alemão e espanhol. Claro, é preciso ter em mente que essas não são as únicas línguas que selam as suas marcas na fala contemporânea dos brasileiros. A *Enciclopédia das Línguas do Brasil* menciona também ídiche, leto (ou letão) e pomerano entre esse grupo. Sobre as poucas influências do russo, ucraniano e polonês considera-se que o fato de sua origem em outro ramo de línguas e, com o traslado para o Brasil, o seu uso se restringiu às comunidades mais concentradas, ou seja, microrregionalizadas o que dificultou o cruzamento com o português. Seus falantes praticavam a língua de herança, e apenas aculturaram vocábulos no português local. Vale a pena lembrar também da influência contemporânea do inglês, como um idioma global, principalmente no que diz respeito a língua de tecnologia.

3.5.1. Influência do holandês

Os primeiros contatos significativos da língua holandesa com o português brasileiro ocorreram, em 1624 e 1625, quando os holandeses invadiram a cidade de Salvador. O ataque, porém, foi repellido por índios e portugueses. Os holandeses não desistiram e, em 1630, retomaram o ataque. Superaram a resistência da população local e estabeleceram-se na deserta cidade de Olinda. Eles então atacaram o porto de Recife e permaneceram no Brasil por 24 anos (C. Z. Bolognini, 2004).

Um papel especial na promoção da cultura holandesa e, portanto, da língua, é atribuído ao Conde João Maurício de Nassau, que atuou como Governador Geral. O Conde construiu uma biblioteca e apoiou artistas holandeses. Durante seu reinado, Olinda foi reconstruída e Recife desenvolveu-se. O holandês era então falado no Nordeste ao lado do português e das línguas indígenas (C. Z. Bolognini, 2004). Naquelas condições, a influência da língua holandesa no português era inevitável.

A marca maior deixada pelos holandeses foi o uso dos nomes próprios para denominar instituições e afins. O exemplo da herança holandesa no Brasil é a popularidade do nome *Vanderley* que vem do holandês *Van der Ley*. *Der* em nomes holandeses tem uma função equivalente ao *da* em nomes brasileiros como em *da Silva* (O. Neto, 2014). No entanto, ao contrário de outros colonizadores, os holandeses não impuseram sua língua em territórios conquistados (E. Cordova-Bello, 1964). Além disso, foram os holandeses que denominaram os indígenas de *brasilianos* com o que além de adjetivá-los territorialmente, asseguraram que foram os indígenas os que na verdade eram os donos das terras brasileiras (L. V. Oliveira, 2016). A palavra *brasilianos* evoluiu para *brasileiros*.

3.5.2. Influência do francês

Conforme Manuel Rodrigues Lapa (1984: 44), de todas as palavras estrangeiras que encontraram o seu caminho na língua portuguesa são os galicismos (francesismos), quer dizer, as influências lexicais de língua francesa que “colocam se acima de todos”. A influência tão grande do francês no português não deveria surpreender-nos se levarmos em conta o fato de que o francês foi a primeira língua românica com norma escrita e gramática sistematizada. Documentos escritos na língua francesa na Idade Média influenciaram o desenvolvimento de todas as outras línguas românicas, incluindo o português (naquela época chamado de *galego português*). Posteriormente, essas línguas passaram a funcionar como línguas nacionais, substituindo o latim. Depois que Portugal recuperou a independência, a dinastia francesa de Borgonha começou a governar o país. Foi por meio da nobreza de origem francesa que o francês chegou ao Brasil (N. Carvalho, 2010).

Por muito tempo, a França foi um modelo para outros países em termos de cultura, moda, língua, literatura e sociedade. Isso manifesta-se em uma grande quantidade de palavras emprestadas do francês sobre esses campos. Exemplos de campos semânticos particulares são (N. Carvalho, 2010: 233—234):

- moda — *blusa, chique*;
- artes — *art déco, silhueta*;
- vida social — *restaurante, menu*;
- literatura — *jeu d’esprit, mal de siècle*;
- outro vocabulário — *chaminé, maré*.

O francês foi muitas vezes uma língua intermediária no processo de empréstimo de palavras de outras línguas para o português. Um exemplo pode ser o caminho que percorreu a palavra seguinte (N. Carvalho, 2010: 233):

domina (latim) → dame (francês) → dama (português)

Júlia Simone Ferreira (2011) observa que a palavra *quadrilha*, nome da dança de festa junina, também originou-se do francês. Essa dança, que chegou ao Brasil graças à nobreza francesa, era chamada de *quadrille*. Noções relacionadas a dança, como *balancer* (*balancê*) ou *en avant* (*anavant*), também passaram do francês para o português. Isso prova que as tradições locais, tão fortemente identificadas com a cultura de um determinado país, podem ter suas raízes fora de suas fronteiras. Fenômeno semelhante ocorre na literatura. Da peça francesa *Canção de Rolando* surgiram os romances de cavalaria, posteriormente escritos no português arcaico, e a sua influência é hoje visível na literatura de cordel, criada no Nordeste. A influência da cultura francesa na sociedade brasileira foi tão grande que, do século XIX até meados do século XX, o francês era ensinado em escolas de todos os níveis de ensino. Nas instituições escolares privadas de maior prestígio, era a língua de instrução (N. Carvalho, 2010).

Curiosamente, alguns dos galicismos que passaram a ser usados no português brasileiro adquiriram um significado diferente do francês. Um exemplo seria a palavra *baffe* que entrou em português como *bafo*. Em francês, porém, a palavra *baffe* significa o mesmo que *bofetada* em português. Palavras que, apesar de terem uma forma gráfica muito semelhante (por vezes até idêntica), têm um significado diferente são conhecidos como *falsos cognatos* (J. S. A. Ferreira, 2011).

A língua francesa também influenciou a ortografia e a gramática do português. Quanto à grafia, em 1255 o rei português D. Alfonso III introduziu *lh* e *nh* que substituiu o *ñ* castelhano. Por sua vez, nos séculos XIX e XX, em algumas construções os falantes de português passaram a utilizar a preposição *a* em vez de *em*. Os exemplos incluem: *entrega a domicilio* (*em domicilio*), *falar ao telefone* (*no telefone*) (J. S. Vieira, 2019). O mesmo se aplica ao *fazer um passeio*, que substituiu *dar um passeio* (M. R. Lapa, 1984).

3.5.3. Influência do italiano

A língua italiana chegou diretamente ao Brasil junto com a onda de imigração para o país, ocorrida entre o final do século XIX e o início do século XX. Imigrantes italianos “instalaram-se principalmente nas Regiões Sul (Estados do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina) e Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo e Sul de Minas Gerais), além do Sul da Bahia” (M. O. Payer, 2004a). Após 1970, houve cada vez mais migrações entre estados, portanto descendentes italianos podem ser encontrados também no Centro-Oeste (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia, Goiás) e no Norte (Acre, Pará) (M. O. Payer, 2004a). É difícil dizer quantos brasileiros têm raízes italianas. Estima-se que cerca de 1,4 milhão de italianos vieram para o Brasil apenas no século XIX. Só em São Paulo, o número de descendentes italianos já chega a 5 milhões (M. O. Payer, 2004a)

Payer (2004b) chama atenção para os traços dos dialetos italianos presentes na fala de brasileiros que são descendentes de italianos. A pesquisadora relaciona os traços nas seguintes categorias: morfologia, sintaxe, fonologia e léxico. A primeira categoria é a mistura de morfemas e radicais portugueses e italianos. Por sua vez, a influência do italiano na sintaxe da língua portuguesa manifesta-se na mudança da posição de pronomes demonstrativos *aquela* e *este* na frase. A maior influência do italiano no português está na fonologia e no vocabulário. No que diz respeito a fonologia, Payer (2004b) relaciona a pronúncia distinta do /r/ em palavras como *caro/carro*, do /u/ em palavras como *auto* e do ditongo /ão/.

Dayanne Villani do Nascimento (2015) analisou como descendentes de imigrantes italianos que moram em São Lourenço do Oeste — SC pronunciam vogal /ã/ em palavras como *dançar*. Descobriu que a pronúncia desse som depende da idade dos habitantes da cidade. As gerações mais jovens costumam pronunciar /ã/ como um vogal nasal, assim como a maioria dos brasileiros. Por outro lado, entre os idosos há uma variação maior na forma de execução do som. A razão para tal é provavelmente o maior contato da geração mais jovem com outras variações do português, bem como a relutância em aprender e cultivar a língua ancestral, a favor da utilização da variante percebida por alguns como variante de prestígio. Enquanto as gerações mais velhas continuam a cultivar a herança linguística dos ancestrais.

Traços lexicais são discutidos com mais detalhes por Renato Marcos Endrizzi Sabbatini (2012). Segundo estimativas, no português brasileiro existem entre 400 a 500 palavras de origem italiana. Durante o Renascimento, a cultura italiana ganhou imensa popularidade e influenciou elementos da cultura mundial como gastronomia, arte, arquitetura e música, entre outros. Foi então que grandes compositores, pintores, arquitetos, poetas e escritores difundiram a língua italiana por meio de suas obras. Não é surpreendente, então, que os empréstimos do italiano tenham entrado em outras línguas europeias, incluindo o português. O quadro abaixo mostra exemplos de tais palavras (R. M. E. Sabbatini, 2012: 1—10):

Quadro 2

Exemplos de palavras portuguesas de origem italiana (R. M. E. Sabbatini, 2012: 1—10)

Campo semântico	Palavra italiana	Palavra portuguesa
gastronomia	<i>pizza</i> <i>parmeggiano</i>	<i>Pizza</i> <i>Parmesão</i>
música	<i>piano</i> <i>canzone</i>	<i>Piano</i> <i>Canção</i>
arquitetura	<i>capitello</i> <i>palazzo</i>	<i>Capitel</i> <i>Palácio</i>
literatura	<i>Arlecchino</i> <i>commedia</i>	<i>Arlequim</i> <i>Comédia</i>
artes	<i>sbozza</i> <i>disegno</i>	<i>Esboço</i> <i>Desenho</i>
economia	<i>credito</i> <i>banca</i>	<i>crédito</i> <i>banco</i>
termos militares	<i>squadrone</i> <i>bomba</i>	<i>Esquadrão</i> <i>Bomba</i>

Como se pode verificar no quadro acima, algumas palavras entraram na língua portuguesa de forma ortográfica inalterada (*pizza*, *bomba*, *piano*). Isso foi possível devido a algumas semelhanças fonéticas entre o italiano e o português. Por sua vez, outras palavras italianas, antes de entrarem na língua portuguesa, tiveram que se tornar aportuguesadas, quer dizer transliteradas de forma a adaptar essas palavras para uma grafia de português (R. M. E. Sabbatini, 2012). Serão examinadas mais detalhadamente os tipos de mudanças que podem ter ocorrido durante este processo no quadro a seguir:

Quadro 3

Exemplos de mudanças ocorrendo no processo de aportuguesamento de palavras italianas
(R. M. E. Sabbatini, 2012: 1—10)

Mudança	Exemplo
a perda de uma das consoantes geminadas	<i>risotto</i> → <i>risoto</i>
a perda da vogal final dos verbos	<i>affanare</i> → <i>afanar</i>
a adição de vogais em palavras que começam com consoante	<i>studio</i> → <i>estudio</i>
a substituição de <i>c</i> , <i>cc</i> e alguns <i>sc</i> por <i>ch</i> ou <i>x</i>	<i>salsiccie</i> → <i>salsicha</i>
a substituição de <i>ch</i> por <i>qu</i>	<i>orchestra</i> → <i>orquestra</i>
a substituição de <i>gn</i> por <i>nh</i>	<i>bolognese</i> → <i>bolonhesa</i>
a substituição de <i>gg</i> por <i>j</i>	<i>solfeggio</i> → <i>solfejo</i>
a substituição de <i>gl</i> por <i>lh</i>	<i>battaglia</i> → <i>batalha</i>
a substituição de <i>gi</i> por <i>s</i>	<i>parmeggiano</i> → <i>parmesão</i>
a substituição de <i>zz</i> por <i>ç</i>	<i>tazza</i> → <i>taça</i>
a substituição de <i>one</i> por <i>ão</i>	<i>canzone</i> → <i>canção</i>

A transliteração não foi fácil porque, ao contrário do italiano, os fonemas do português não correspondem a morfemas biunivocamente. É por isso que a grafia de algumas palavras é difícil para os brasileiros (por exemplo, a dúvida *ss* ou *ç*). Não havia o padrão estabelecido de transliteração, então em algumas palavras *sc* foi substituído por *ch*, em algumas por *x* e em outras palavras *sc* foi deixado inalterado (R. M. E. Sabbatini, 2012).

Entre as palavras que entraram na língua portuguesa por meio da língua italiana, encontra-se não apenas palavras dos campos mencionados, mas também “termos derivados do italiano, como ‘afanar’, ‘bacana’, ‘bronca’, ‘cafona’, ‘capo’, ‘grana’, ‘malandro’, ‘mina’, ‘pivete’ etc., são algumas das palavras incorporadas às gírias do Sul e Sudeste” (R. M. E. Sabbatini, 2012: 2). Esse é um exemplo interessante de como os traços lexicais podem começar a ser usados em outra língua em dois registros diferentes — tanto por meio da linguagem mais formal de campos específicos (linguagem literária, linguagem da arte) quanto pela linguagem coloquial (gírias).

3.5.4. Influência do alemão

Outra língua que influenciou o português é o alemão. Essa língua chegou ao Brasil não apenas graças aos alemães, austríacos e suíços, mas também a alguns poloneses e russos que a falavam em tempos de grande imigração. Os imigrantes de língua alemã foram o primeiro grupo a chegar ao Brasil, mas não eram o grupo mais numeroso, pois constituíam apenas 9% do número de imigrantes. Estima-se

que entre 1824 e 1830 cerca de 2,7 mil deles foram para o Brasil. Os imigrantes de língua alemã formaram pequenas comunidades nas quais mantiveram seus dialetos e, graças ao clero, o alemão padrão (hochdeutsch) foi usado em circunstâncias mais formais. Uma imprensa em língua alemã também foi publicada (exceto durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundial). Em 1935, o número de imigrantes de língua alemã e seus descendentes havia aumentado para cerca de 1,2 milhão. Atualmente, as maiores concentrações de falantes de alemão no Brasil encontram-se no “Paraná (Rio Negro, Ponta Grossa, Rolândia, Entre Rios), Santa Catarina (Blumenau, Joinville, São Francisco do Sul, Brusque, Itajaí, São Bento), Espírito Santo (Santa Leopoldina) e Rio Grande do Sul (São Leopoldo, Santa Augusta, São Lourenço, Lageado, Montenegro)” (C. Z. Bolognini, M. O. Payer, 2005: 43—44).

A língua alemã deixou seus traços principalmente na pronúncia dos habitantes do sul do Brasil. Vários desses rastros são apontados por Elisangela Redel e Franciele Maria Martiny (2016) a partir da análise de um pequeno vídeo que faz parte da campanha contra a dengue no YouTube. O vídeo do humorista Cleiton Geovani Kurtz nascido no Paraná apresenta o estereótipo descendente de alemã falando português. Deve levar em conta que, para se conseguir um efeito humorístico, os traços da língua portuguesa utilizados pelos descendentes alemães foram intencionalmente acumulados e exagerados nessa curta produção. No entanto, o vídeo apresenta recursos que realmente ocorrem no seu idioma.

Uma das características mais marcantes do português usado pelos descendentes de alemães é a pronúncia do /l/ no final das sílabas como /l/ palatal. Essa é a pronúncia típica do povo sul do Brasil. Pessoas em outras regiões costumam pronunciar o /l/ no final de uma sílaba como /u/. Outra característica dos descendentes alemães que falam português é a conversão de consoantes sonoras por consoantes surdas (dessonorização) e vice-versa, a conversão de consoantes surdas por consoantes sonoras (sonorização). Um exemplo seria a substituição de /d/ por /t/ [namorando] → [namoranto] e vice-versa, isto é, de /t/ por /d/ [tempo] → [dempo] e também de /b/ por /p/ [ponte → bonte] e vice-versa, como /p/ por /b/ [banco] → [panco] ou /g/ por /k/ [pegar → peka]. Isso se deve ao fato de não haver oposição consoantes sonoras — consoantes surdas no dialeto Hunsrückisch (falado por muitos imigrantes alemães), portanto, houve uma simplificação fonética. Além disso, na fala dos descendentes de alemães, o ditongo nasal /ão/ é substituído por /on/, como acontece por exemplo com a palavra *não* pronunciada como [non], ou a palavra *alemão* pronunciada como [alemon] (E. Redel, F. M. Martiny, 2016).

Simone de Sousa Naedzold e Neusa Inês Philippsen (2017) também descrevem os traços morfológicos, lexicais e discursivos característicos da língua portu-

guesa utilizada pelos descendentes de imigrantes alemães. As características morfológicas incluem a omissão da desinência *-m* nas formas da terceira pessoa do plural em palavras como *falavam*. As formas lexicais características do Rio Grande do Sul são, por exemplo, *terneiro* e *porteiro*. Ademais, os traços discursivos incluem a ocorrência de formas discursivas como *enton* ou *dai*, bem como termos como *padau*.

3.5.5. Influência do espanhol

Por um lado, o espanhol no Brasil funciona como língua estrangeira, por outro, é uma língua de contato utilizada para comunicar-se nas zonas de fronteira, especialmente no sul do Brasil. Um exemplo são as zonas da fronteira entre o Brasil e o Uruguai. Como não há barreira geográfica natural entre os dois países, o espanhol é praticamente uma segunda língua naquele território. Apesar da menor presença da língua espanhola no interior do Brasil, seu papel em todo o país é de destaque. Desde 1993, o espanhol tem presença no Ensino Fundamental no Brasil e no Ensino Médio como facultativa. A constituição do Mercosul fez do espanhol uma língua indispensável nas relações comerciais no continente (E. Sturza, 2004).

Uma das pesquisadoras que explorou a interação entre espanhol e português é Gabrielle Carvalho Lafin. Em sua obra, distinguiu quatro níveis de influência mútua dessas línguas (fonético-fonológico, morfossintático, léxico-semântico e pragmático). Em seguida, descreveu os fenômenos linguísticos que ocorrem na fala dos habitantes do norte do Uruguai e sul do Brasil (estado do Rio Grande do Sul), que se comunicam por meio de variedade *fronteira*/*fronterizo*, chamada também *portunhol*/*portuñol* (G. C. Lafin, 2008).

Quando se trata das questões fonético-fonológicas, o primeiro fenômeno descrito pela pesquisadora é a metafonia. Alunos brasileiros que aprendem espanhol tendem a pronunciar todas as vogais como se estivessem abertas, enquanto os falantes de espanhol falando português frequentemente deixam de notar a diferença entre uma vogal aberta e uma fechada, o que resulta em pronunciar as palavras *avô* e *avó* da mesma maneira (G. C. Lafin, 2008). Outra questão importante da categoria fonético-fonológica é a sonoridade nas sibilantes, especialmente /s/ e /z/. O próximo fenômeno é o yeísmo. Consiste em substituir o som /j/ (fricativa médio palatal) pelo som /ʎ/ (palatal lateral). Como resultado, a palavra portuguesa *filho* é pronunciada como [fiju] por falantes nativos de espanhol. O último fenômeno pertencente ao grupo fonético-fonológico descrito por Lafin é a palatalização de /t/ e /d/. É uma das marcas do português brasileiro, que o distingue do português europeu. No entanto, isso não ocorre em todo o país. A falta de palatalização característica na fala de gaúchos e entre os descendentes de imigrantes italianos é fre-

quentemente equiparada a fala rural e português menos prestigiado. Curiosamente, de acordo com os dados do *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* de Harald Thun, entre os habitantes do norte do Uruguai pode-se ouvir tanto /t/ quanto /d/ não-palatalizadas (como em espanhol) e palatalizadas, o que pode indicar tendência a seguir pronúncia identificada com variante de maior prestígio (G. C. Lafin, 2008, *apud* H.Thun, 2000).

O segundo grupo de fenômenos descritos por Lafin são questões morfossintáticas. Um deles é a simplificação dos pronomes relativos — em vez das formas *cuyo/cuyo* ensinadas nas escolas, passa-se simplesmente a usar *que*. A exceção são os textos escritos no registro formal (G. C. Lafin, 2008).

Como resultado do contato entre o espanhol e o português na variedade fronteiriça, surgiram dois métodos possíveis de expressão de impessoalidade — *haber/haber* e *ter/tener*. Nesse caso, a língua espanhola, em que, segundo o material didático, apenas o verbo *haber* deve ser utilizado nessas situações, assumiu as características da língua portuguesa, em que a impessoalidade é expressa por ambos os verbos (G. C. Lafin, 2008).

Lafin (2008) enfatiza que certos fenômenos relativos à morfossintaxe da língua usada para a comunicação entre os habitantes do norte do Uruguai e do sul do Brasil devem ser objetos de pesquisa. Entre eles, são citadas a tendência de expressar o plural, marcado no artigo e o substantivo, mas o adjetivo permanece no singular, por exemplo, *as casas azul*, e de usar voz passiva analítica, comum entre os brasileiros e cada vez mais frequente no norte do Uruguai. A língua espanhola, por outro lado, provavelmente influencia o uso de verbos na segunda pessoa, e não na terceira pessoa, como acontece em quase todo o Brasil. Regência verbal e nominal também podem misturar-se na língua dos habitantes da fronteira entre Brasil e Uruguai.

No campo léxico-semântico de língua da fronteira observa-se a vantagem do vocabulário do português sobre o espanhol (G. C. Lafin, 2008). Porém, algumas gírias presentes no português são derivadas do espanhol, por exemplo “fajuto (que vem de fayuto, via falluto, do dialeto espanhol murciano, que significa algo com defeito, falso)”(R. M. E. Sabbatini, 2012: 2).

Em relação à pragmática, uma das características mais marcantes de variedade fronteiriça é a utilização dos marcadores discursivos uruguaiois como *tchê* ou *bueno* pelo povo brasileiro. Por sua vez, a influência do português no espanhol nessa região manifesta-se pelo uso da forma *vos* pelos uruguaiois, semelhante ao português *você* (G. C. Lafin, 2008).

Os empréstimos linguísticos consistem num fenômeno natural que resulta dos contatos interculturais. Não há nada de errado com isso, desde que não viole a integridade e a identidade do idioma nacional. No mundo globalizado em que vive-

mos hoje, é natural que ideias de diferentes culturas permeiem. Os estrangeirismos aumentam o leque de meios linguísticos, eliminando as faltas em vocabulário, permitindo uma melhor compreensão das ideias gerais. Algumas das palavras emprestadas entraram tanto no idioma que nem mesmo temos conhecimento da origem dessas palavras. Por sua vez, a influência de outra cultura pode ser estimulante e contribuir para a introdução de um novo gênero literário e a criação de obras escritas em uma determinada língua, influenciando positivamente o desenvolvimento próprio dessa língua (M. R. Lapa, 1984).

4. Conclusão

Acontecimentos históricos em um determinado período e fatores geográficos fizeram com que o português brasileiro fosse influenciado, está sob influência e ainda será influenciado por outras línguas. Como se pode ver, as palavras com raízes em outras línguas descrevem muitos fragmentos da realidade, incluindo a cotidiana, por exemplo, alimentos ou animais. As palavras do tupi-guarani ou árabe são frequentemente utilizadas em geografia, nomeando objetos fisiogeográficos brasileiros. A presença dessas palavras em léxis do português brasileiro é o legado que foi deixado para os brasileiros. Por sua vez, as características da fonética das línguas que influenciaram o desenvolvimento do português em uma determinada parte do Brasil contribuíram para a variedade geográfica do português brasileiro.

Às vezes, é difícil determinar com clareza qual língua é responsável por uma característica específica da fonética do português brasileiro. Por exemplo, alguns pesquisadores acreditam que a vocalização é derivada de línguas indígenas. É possível, portanto, que tanto as línguas indígenas como as línguas africanas sejam responsáveis pela presença de várias características do português brasileiro. O idioma está em constante mudança, com cada geração surgem novas gírias que podem ser completamente incompreensíveis para pessoas mais velhas ou estudantes de língua portuguesa como estrangeira. A existência de variedades linguísticas regionais deve ser cuidada, observada e tratada como um elemento de identidade que une em vez de afastar os membros de diferentes comunidades em um mesmo país. No caso do Brasil, é tratado como o fenômeno da unidade na diversidade.

Referências bibliográficas

- Abreu, M. Y. & Aguilera, V. de A. (2010). A influência da língua árabe no português brasileiro: a contribuição dos escravos africanos e da imigração libanesa. In: *Revista Entretextos*, 10(2), 5—29. Universidade Estadual de Londrina.
- Aragão, M. (2010). Africanismos no português do Brasil. In: *Revista de Letras*, 30(1/4), 7—16. Fortaleza. http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/12948/1/2011_art_ms_saragao.pdf (acesso: 13.10.2020).
- Biderman, M. T. C. (2001). O Português Brasileiro e o Português Europeu: Identidade e contrastes. In: *Revue belge de philologie et d'histoire*, 79(3), 963—975.
- Bolognini, C. Z. (2004). Holandês. *Enciclopédia das Línguas no Brasil*. <https://www.la-beurb.unicamp.br/elb/> (acesso: 11.04.2020).
- Bolognini, C. Z. & Payer, M. O. (2005). Línguas de imigrantes. *Cienc. Cult.*, 57(2), 42—46. São Paulo. http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200020&lng=en&nrm=iso (acesso: 23.04.2020).
- Carvalho, N. (2010). Francês e português: raízes comuns e contribuições. *Ciência & Trópico*, [S. l.], 32(2). <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/811> (acesso: 24.11.2020).
- Castilho, A. T. de (2012). *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo, Contexto.
- Castro, Y. P. (2011). Marcas de Africa no Português Brasileiro. *Africanias.com*, 01, 1—7. http://www.africanias.uneb.br/pdfs/n_1_2011/ac_01_castro.pdf (acesso: 5.12.2020).
- Cordova-Bello, E. (1964). *Compañías Holandesas de Navegación, agentes de la colonización neerlandesa*. Sevilla, Escuela de Estudios Hispano-Americanos.
- Costa, F. L. da (2009). *Da península ibérica para a ecúmena do mundo*. Guarapuava, Editora da Unicentro.
- Costa, M. (2016). *A história do Brasil para quem tem pressa* (1. ed.). Rio de Janeiro, Valentina.
- Farias, A. (2015). *Uma breve história da África* (5. ed.). Fortaleza-Ce, SAS.
- Ferreira, J. S. (2011). A contribuição da língua francesa para a língua portuguesa. In: *Atas da V Jornada Nacional de Linguística e Filologia*.
- Suplemento da Revista Philologus, 17(49), 7—11. Rio de Janeiro, CIFEFIL.
- Furlan, O. A. (1998). 250 anos de influência açoriana no português do Brasil. In: *Ágora: Revista do Curso de Arquivologia da UFSC*, 13(27), 17—25. <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/190/pdf> (acesso: 2.11.2021).
- Geraldi, J. W. (org.) (2011). *O texto na sala de aula* (5. ed.). São Paulo, Ática.
- Gonçalves, R. T. & Basso, R. M. (2010). *História da língua*. 6º Período. Florianópolis, LLV/CCE/UFSC.
- Houaiss, A. (1986). As Projeções da Língua Árabe na Língua Portuguesa. *Conferência para o Centro de Estudos Árabes da USP*. Transcrição org. Cecília N. Adum. <http://www.hottopos.com/collat7/houaiss.htm> (acesso: 10.11.2020).

- Ilari, R. & Basso, R. M. (2006). *O português da gente: a língua que estudamos e a língua que falamos*. São Paulo, Contexto.
- Lafin, G. C. (2011). *O contato linguístico português-espanhol na fronteira entre Brasil e Uruguai: estado da pesquisa e perspectivas futuras*. [Trabalho de Conclusão do Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório LUME da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Lapa, M. R. (1984). *Estilística da Língua Portuguesa* (11. ed.). Revista pelo autor. Coimbra, Coimbra Editora, LDA.
- Marinho, J. H. C. & Val, M. da G. C. (2006). *Variação linguística e ensino: caderno do professor*. Belo Horizonte, Ceale.
- Mazurek, J. (2006). *Kraj a emigracja: ruch ludowy wobec wychodźstwa chłopskiego do krajów Ameryki Łacińskiej (do 1939 roku)*. Warszawa, Biblioteka Iberyjska.
- Mendonça, R. (2012). *A influência africana no português do Brasil*. Brasília, FUNAG.
- Naedzold, S. de S. & Philippsen, N. I. (2017). A influência da língua alemã na fala dos brasileiros: estudos preliminares. In: *Web Revista SOCIODIALETO*, [S.l.], 7(20), 1—24. <http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/6> (acesso: 08.12.2021).
- Nascimento, D. V. do (2015). *A influência do dialeto italiano no português falado pelos descendentes italo-brasileiros: uma análise sociolinguística da vogal nasal [ã]*. [Trabalho de conclusão de curso]. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco.
- Oliveira, L. V. (2016). *Guerras luso-holandesas na Capitania da Paraíba (1631—1634): um estudo documental e historiográfico*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Paraíba]. Repositório Institucional da UFPB.
- Paula, F. M. (2019). As influências do Árabe na Língua Portuguesa e locais portugueses com nomes árabes. In: *VortexMag*. <https://www.vortexmag.net/as-influencias-do-arabe-na-lingua-portuguesa-e-locais-portugueses-com-nomes-arabes/> (acesso: 02.12.2020).
- Payer M. O. (2004a). Italiano. *Enciclopédia das Línguas no Brasil*. <https://www.labeurb.unicamp.br/elb2/pages/noticias/lerNoticia.lab?categoria=4&id=234> (acesso: 03.01.2021).
- Payer M. O. (2004b). Traços de Italiano no Português. *Enciclopédia das Línguas no Brasil*. <https://www.labeurb.unicamp.br/elb2/pages/artigos/lerArtigo.lab?id=125> (acesso: 03.01.2021).
- Redel, E. & Martiny, F. M. (2016). Performance humorística: a produção de um estereótipo de falante alemão-rondonense. Unisinos. In: *Calidoscópio*, 14(2), 199—208. <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2016.142.02> (acesso: 22.08.2020).
- Robl, A. (1985). Alguns problemas da influência tupi na fonética e morfologia do português popular no Brasil. *Revista Letras*, 17(34), 155—179. Curitiba.
- Sabbatini, R. M. E. (2007). *As Contribuições do Idioma Italiano ao Português: estrangeirismos que ficaram*. <http://www.renato.sabbatini.com/papers/italianismos.htm> (acesso: 24.11.2020).

- Sturza, E. (2004). Espanhol no Brasil. *Enciclopédia das Línguas no Brasil*. <https://www.labeurb.unicamp.br/elb2/pages/noticias/lerNoticia.lab?categoria=5&id=214/> (acesso: 8.11.2020).
- Vargens, J. B. de M. (2007). *Léxico português de origem árabe: subsídios para os estudos de filologia*. Rio Bonito, Almadena.
- Vieira, J. S. (2019). Da França para o Brasil. A presença de galicismos no português do Brasil. In: *XIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO*, 13(1). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).